

Pernambucano briga por livros

Recife—O brasileiro não lê porque não gosta ou porque não pode? No Nordeste, onde se concentram 68,24% dos 19 milhões de analfabetos brasileiros, 35% dos trabalhadores têm só até três anos de estudos. Apesar disso, o povo gosta de ler. E, se não o faz, é porque não pode. É o que tem revelado promoção feita nos últimos 60 dias pelo Governo de Pernambuco — *Um livro por um real*.

O preço baixo levou os adultos a uma guerra em busca da preciosa mercadoria. Já as crianças choram, gritam e protestam porque faltam livros para elas. Uma surpresa para a Fundação de Cultura de Pernambuco (Fundarpe), que pretendia dar vazão a um encalhe de 30 mil volumes estocados nos porões do estado.

“Esses livros foram publicados por editoras oficiais a partir de 1980, mas, em vez de serem distribuídos, estavam virando banquete de rato e cupim”, conta Raimundo Carrero, escritor e presidente da Fundarpe, emendando: “Fiquei revoltado e resolvi fazer uma feira itinerante, levando a promoção ao interior. Nunca pensei, no entanto, que ela se transformaria num sucesso tão grande. O homem do povo, soldados, feirantes, comerciários, todo mundo compra livro se ele é acessível.”

Segundo Carrero, na promoção tem faltado livros para crianças porque a Fundarpe só tem um título infantil — *Tilico no meio da rua*, de Rubem Rocha Filho, que é uma peça de teatro, com texto de leitura mais difícil. Mesmo assim as crianças estão comprando.

Já o livro *O boi fantasiado*, de Cabral Oliveira, sobre o bumba-meu-boi e seu folclore, é para adultos, mas as crianças forçam os pais a comprarem, pensando que se trata de livro infantil.

Germana Siqueira, chefe da Divisão de Distribuição de Livros da Fundarpe, também tem histórias sobre a paixão das crianças pelas publicações da promoção. “Em Floresta, uma criança chorou tanto que a mãe, nervosa, implorava para que arranjássemos um livro para ela. A mesma coisa ocorreu em Cachoeirinha. Os meninos do colégio onde houve a feira choravam porque não havia livros para todos.

Carrero ficou tão preocupado com a carência de literatura infantil no interior que ligou para editoras pedindo doações. Até agora, mais de sete mil volumes já foram vendidos nas feira — média de 1.100 por cidade.

“Depois que vi as crianças implorando por um livro para ler, e sem ter nada para oferecer, comecei a sentir uma sensação de pânico. O livro é caro, ou não existe, porque praticamente não existem livrarias no interior”, diz Carrero.

Para evitar que o problema com o público infantil se repetisse, a Fundarpe e os educadores de Caruaru, onde a feira chegou na quarta-feira, tomaram uma providência: conseguiram que um antigo vendedor de livros, Charles José da Silva, desenterrasse seu estoque e vendesse cada livro infantil também a R\$ 1.